



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. *Escrituras de la Memoria.*

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Por uma interpretação benjaminiana de *Os Sertões*

Gustavo Arnt¹

Resumen:

Os Sertões, de Euclides da Cunha, é um ensaio marcado pela contradição entre progresso e barbárie. O narrador, de um lado partidário da modernização do país e da sua conseqüente inserção nos trilhos do progresso, também revela o outro lado dessa moeda, que, no Brasil rural, consiste na exploração e no extermínio de milhares de sertanejos (a barbárie).

Ora, a filosofia da história de Walter Benjamin opõe-se radicalmente à filosofia histórica do progresso, que se coloca sempre ao lado do vencedor: a história não é uma sucessão de conquistas, mas uma acumulação de derrotas, uma luta permanente entre oprimidos e opressores. Por meio da “rememoração” (rememoração histórica das vítimas do passado) e da “redenção” (emancipação dos oprimidos), a articulação entre presente e passado surge como uma força que deve ser buscada por nós no âmbito da luta de classes.

Nossa reflexão propõe, portanto, interpretar *Os Sertões* à luz da filosofia da história de Benjamin, pois sua obra nos lega reflexões que, filtradas, iluminam a narração do massacre e da exploração dos sertanejos, permitindo aos leitores (principalmente trabalhadores rurais), por meio da rememoração, a compreensão desse processo e transmitindo-lhes a tarefa de dar continuidade à luta pela superação do capitalismo.

¹ Doutorando em Teoria Literária e Literatura Brasileira pela Universidade de Brasília.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Por uma interpretação benjaminiana de *Os Sertões*

Este ensaio é uma tentativa de interpretação de *Os Sertões* com base na filosofia da história de Walter Benjamin. Nosso intuito não é forçar a mão e sugerir que Euclides fora um benjaminiano *avant la lettre*, pelo contrário, o sustentáculo teórico euclidiano repousa justamente no positivismo, um dos alvos centrais das críticas da filosofia da história benjaminiana – assim, benjaminiana e, portanto, dialética busca ser nossa leitura, feita a contrapelo, tentando lidar com aquilo que a análise acurada da forma da obra nos apontou ser o princípio formal da narração de *Os Sertões*: a antinomia.

Walter Benjamin, ao elaborar sua filosofia da história, coloca-se abertamente contra a filosofia histórica do progresso, a qual, segundo ele, se coloca sempre ao lado do vencedor. Segundo a concepção historicista/positivista da história, o papel do historiador seria simplesmente apresentar, de forma neutra, o passado do modo como ele realmente se deu. Ora, essa pretensão à neutralidade e à fidelidade aos fatos na verdade tenta esconder um posicionamento muito bem determinado: a visão que esse historiador transmite é a do vencedor, pelo qual ele nutre empatia.

Michael Löwy lembra que, na concepção de Benjamin:

o historiador revolucionário sabe que a vitória do inimigo atual ameaça até os mortos (...) pela falsificação ou pelo esquecimento de seus combates. Ora, ‘esse inimigo não tem cessado de vencer’: do ponto de vista dos oprimidos, o passado não é uma acumulação gradual de conquistas, como na historiografia ‘progressista’, mas sobretudo uma série interminável de derrotas catastróficas (LÖWY, 2005, p. 66).

Das críticas ao progressismo, emerge a “tarefa” do historiador materialista: escovar a história a contrapelo, ou seja, posicionar-se ao lado dos vencidos, levando em consideração tudo o que aconteceu depois de determinado momento histórico, articulando o passado com o presente (o presente tem o poder de, como uma centelha, iluminar um acontecimento passado, atribuindo-lhe um novo significado na luta de



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. *Escrituras de la Memoria.*

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

classes). A filosofia da história benjaminiana surge, como em seu texto “Alarme de incêndio”, como um alerta em relação à catástrofe iminente.

A história lhe parece [ao historiador materialista] uma sucessão de vitórias dos poderosos. O poder de uma classe dominante não resulta simplesmente de sua força econômica e política ou da distribuição da propriedade, ou das transformações do sistema produtivo: pressupõe sempre um triunfo histórico no combate às classes subalternas. Contra a visão evolucionista da história como acumulação de ‘conquistas’, como ‘progresso’ para cada vez mais liberdade, racionalidade ou civilização, ele a percebe ‘de baixo’, do lado dos vencidos, como uma série de vitórias de classes reinantes (LÖWY, p. 60).

É preciso que a ventania do progresso pare de soprar, que os oprimidos tomem para si a tarefa de realizar os objetivos de tantos vencidos ao longo da história: levar a cabo a revolução e acabar com o sistema de classes (“o cortejo triunfal dos vencedores”).

Ainda em contraposição à concepção positivista da história, vale reforçar o argumento de Benjamin segundo o qual:

Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo. (,,) Em cada época, é preciso arrancar a tradição ao conformismo, que quer apoderar-se dela (BENJAMIN, 1994, p. 224).

O trecho acima nos remete a dois conceitos fundamentais do pensamento de Benjamin: a rememoração e a redenção. Em linhas gerais, pode-se compreender a rememoração como a atividade de trazer à memória (e à luta política) as vítimas das lutas passadas; a redenção (cujo traço messiânico não pode ser esquecido) diz respeito à emancipação dos oprimidos.

A relação que Benjamin faz entre passado, presente e futuro passa fundamentalmente pelo conceito de “redenção”, que é por ele entendida sobretudo



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

como rememoração histórica das vítimas do passado. Todavia, como acentua Löwy (p. 51), “a rememoração, a contemplação, na consciência, das injustiças passadas, ou a pesquisa histórica, aos olhos de Benjamin, não suficientes”. Para Benjamin, a fim de que a redenção aconteça é fundamental que haja a “reparação” do sofrimento dos vencidos, ou seja, é preciso que se realizem os objetivos pelos quais estes lutaram e morreram.

Redenção significa, portanto, emancipação dos oprimidos. Não de forma idealista ou simplesmente sentimental: ao dizer que um pacto secreto nos liga aos vencidos, Benjamin tem em mente a realização concreta – e como tarefa não apenas das gerações futuras, mas principalmente da atual – da transformação radical da sociedade. Uma transformação que ponha fim à marcha avassaladora do progresso, que carrega a humanidade para o abismo. Em suas palavras, para que os vencidos descansem em paz, é necessário que o inimigo (os historicamente vencedores) cesse de ganhar.

O passado surge, portanto, como uma força – mesmo que tênue, como ele mesmo enfatiza – que deve ser buscada por nós, no momento presente, no âmbito da luta de classes. Benjamin concebe a história como luta permanente entre oprimidos e opressores, sendo que a luta pela emancipação, em cada presente, é uma tarefa deixada pelos vencidos às gerações posteriores.

Sendo assim, nossa leitura nos permite considerar a obra máxima de Euclides da Cunha também como um “aviso de incêndio”, isto é, um alerta frente às ameaças a nós impostas pela política do progresso, que tem no conceito de civilização um de seus principais sustentáculos.

No que diz respeito à cultura, o principal lastro da ideologia civilizatória encontra-se no conceito de esclarecimento, que, no Brasil, foi amplamente impulsionado pela atividade dos literatos.

Antonio Candido argumenta que um dos principais traços da literatura brasileira em seu processo de formação foi seu caráter empenhado. Segundo o crítico, o projeto de construir uma literatura independente da de Portugal também foi o de construir uma nação. Esse empenho, esteticamente, será manifestado, por um lado, por meio do descritivismo exótico, do ufanismo e da caracterização estereotipada dos personagens; por outro lado, o empenho possibilitará a captação das fraturas da sociedade brasileira.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

No Brasil, o que se poderia chamar mais estritamente de “nossa Época das Luzes” – isto é, o período em que, entre nós, o *saber* paulatinamente arrogou a si o caráter de discurso de maior validade e prestígio – configura-se tardiamente no século XIX, impulsionada pela difusão do pensamento iluminista a partir da instalação da corte portuguesa no Rio de Janeiro, apesar de já se encontrar em estágio de formação desde o século XVIII.

Perante os olhos dos intelectuais brasileiros, o reinado de D. João VI “abria para o país a era do progresso” (CANDIDO, 2006, p. 239). Dentre os benefícios advindos da presença da corte portuguesa no Brasil, podem-se citar a diminuição da censura, a fundação de cursos técnicos e superiores, um paulatino movimento de divulgação do saber por meio de conferências públicas e da imprensa periódica, a fundação de bibliotecas públicas, a abertura de livrarias, etc (idem, ibidem, p. 242).

Nesse sentido, verifica-se finalmente a configuração de uma vida intelectual propriamente dita no Brasil. Os intelectuais, apesar da distância em relação à grande massa da população, acabavam por interferir diretamente na vida pública, como que munidos de uma espécie de “senso de serviço” (idem, ibidem, p. 247), assumindo, dentre outras, a responsabilidade de difundir a instrução e as ideias liberais. O ideário iluminista/ positivista de uma inteligência socialmente participante, que regulasse e ordenasse a vida social fazia-se cada vez mais presente enquanto força política.

Esse movimento ganharia ainda mais força com o processo de Independência do Brasil. Segundo Antonio Candido, “no Brasil, a Independência foi o objetivo máximo do movimento *ilustrado* e a sua expressão principal” (idem, ibidem, p. 249). Nessa época, os intelectuais de modo geral, mesmo os menos progressistas, partilham de uma concepção pragmática em relação à inteligência e da confiança “na razão e na ciência para instaurar a era de progresso no Brasil” (idem, ibidem, p. 250). As diretrizes da Ilustração eram vistas como o caminho a ser seguido a fim de “integrar o Brasil no mundo intemporal da razão e da ciência, onde se reuniam os povos quando orientados pelos seus princípios” (idem, ibidem, p. 250).

No âmbito mais especificamente literário, tratava-se, conforme a concepção de Nicolau Sevcenko, de encarar a literatura como missão, ou seja, contribuir, por meio das Letras, para a melhoria do país e inseri-lo no contexto internacional de desenvolvimento e progresso: “E acompanhar o progresso significava somente uma coisa: alinhar-se com



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

os padrões e o ritmo de desdobramento da economia europeia” (SEVCENKO, 2003, p. 41).

Essas concepções seriam amplamente difundidas ao longo de todo o século XX, principalmente no período que se segue à proclamação da República, fato que mobilizou sobremaneira os intelectuais brasileiros, incluindo Euclides da Cunha, e que está intimamente ligado à Guerra de Canudos. Em relação à situação de Euclides nesse contexto, parece-nos acertada a reflexão de Clóvis Moura quando afirma que:

O processo de tomada de consciência de nossa realidade social reflete-se na obra de Euclides da Cunha antinomicamente; forma uma contradição. De um lado há o reconhecimento da necessidade de serem a literatura e a ciência formas de conhecimento, fatores instrumentais no processo do desenvolvimento social, integrados no quadro da sociedade em transformação. Sua intenção de voltar-se para os nossos problemas, apontando soluções para eles, mostra como Euclides da Cunha encontrava no seu trabalho de escritor uma dimensão participante. Este foi o lado de abordagem que o conduziu a procurar uma tomada de posição social e política. Do outro lado, porém, apoiava-se em teorias, hipóteses, métodos e mestres, em um cabedal de conhecimentos que não o ajudava a desvendar os véus que cobriam as soluções dos problemas brasileiros (MOURA, 1964, p. 9-10).

Assim, podemos visualizar claramente o problema que enfrentamos. Euclides da Cunha, munido da fé na ciência e vendo nela a principal, se não única, possibilidade de fazer o Brasil entrar nos trilhos do progresso, busca em sua atividade como escritor um meio de contribuir para o desenvolvimento do país e a construção da nação.

Contraditoriamente a esse propósito, em *Os Sertões* também são representadas as ameaças do progresso, “levado a pranchadas ao sertão” no dizer de Euclides, e que revela sua face de atraso e barbárie. Ao representar a luta dos sertanejos, compreendida no interior dos problemas relacionados à questão nacional, contra a ordem estabelecida e o conseqüente massacre dos conselheiristas, a narração ganha a força da rememoração benjaminiana, legando às gerações subseqüentes a tarefa de dar continuidade à luta contra a exploração e a barbárie, buscando alcançar a redenção.

Conforme adiantamos acima, a composição de *Os Sertões* é centrada em um pressuposto historicista e historiográfico que compreende a escrita da história como



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. *Escrituras de la Memoria.*

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

algo neutro e distanciado. Sua meta é a “verdade histórica”, seu guia é a fidelidade aos fatos. “A procura de dar conta do que houve e por que assim foi é o princípio diferenciador da escrita da história. Ela é sua aporia”, explica Luiz Costa Lima (2006, p. 37). A nossa hipótese, no entanto, é que essa forma positivista encontra-se em uma tensão dialética com a matéria narrada, que é o massacre dos sertanejos. São justamente os impasses e os problemas advindos dessa contradição que nos interessa investigar a fundo, pois só assim se pode dar o salto dialético necessário à hermenêutica da obra.

Na escrita de *Os Sertões*, os modelos historiográficos de Euclides são, em primeiro plano, a *História da literatura inglesa*, de Hippolyte Taine, e a *História da Guerra do Peloponeso*, de Tucídides. De Taine vem o princípio de organização formal, isto é, a disposição teleológica dos três grande conjuntos temáticos do livro: “A TERRA”, “O HOMEM” e “A LUTA”. Em Tucídides ele busca o ideal (em uma de suas formas primevas) da escrita neutra da história. Diz ele:

escrevi “sem dar crédito às primeiras testemunhas que encontrei, nem às minhas próprias impressões, mas narrando apenas os acontecimentos de que fui espectador ou sobre os quais tive informações seguras.” (CUNHA, 2006, p. 596).

Observamos, portanto, que a recorrência a Taine e a Tucídides, já na “Nota Preliminar”, tem o objetivo de garantir o caráter fidedigno da narração que vem a seguir. Conforme aponta Edgar Salvadori de Decca (2002),

A escolha do modelo de interpretação histórica de Taine serviu para dar mais credibilidade e autoridade ao texto de Euclides da Cunha. Diferentemente da concepção de história que temos hoje em dia, no final do século 19, a narrativa histórica mais verdadeira e também mais grandiosa era aquela que fosse capaz de ocultar da maneira mais eficaz a subjetividade do narrador (idem, ibidem, p. 165).

O autor estabelece, portanto, um pacto de veracidade com o leitor, característico dos discursos histórico e científico, que busca garantir a validade das informações que



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

serão passadas. A narrativa é toda permeada por uma espécie de *leitmotiv*, que chamo de “questão da veracidade”. Trata-se das recorrentes pausas do narrador a fim de justificar e/ou assegurar de alguma forma as informações que transmite. Observe-se, por exemplo, o seguinte trecho:

O que se segue são vagas conjeturas. Atravessamo-lo no prelúdio de um estio ardente e, vendo-o apenas nessa quadra, vimo-lo sob o pior aspecto. O que escrevemos tem o traço defeituoso dessa impressão isolada, desfavorecida, ademais, por um meio contraposto à serenidade do pensamento, tolhido pelas emoções da guerra. (CUNHA, 2006, p. 36)

O narrador, nesse ponto, afirma que a exposição que segue não passa de “vagas conjeturas”, o que lhe permite trabalhar com mais desenvoltura e comprometer menos o caráter de verdade que busca imprimir à sua narrativa. Em outros momentos, o narrador busca assegurar esse caráter de verdade da narrativa citando a fonte de suas informações, que adviriam por meio de testemunhas, documentos ou cartas:

Ele ali subia e pregava. Era assombroso, afirmam testemunhas. (idem, ibidem, p. 172)

Diz uma testemunha [Barão de Jeremoabo]: “Alguns lugares desta comarca e de outras circunvizinhas, e até do Estado de Sergipe, ficaram desabitados, tal a aluvião de famílias que subiam para os Canudos, lugar escolhido por Antônio Conselheiro para o centro de suas operações. (idem, ibidem, p. 186)

Note-se a variedade de recursos empregados pelo narrador: reproduz diretamente o texto da fonte, vale-se do emprego do discurso indireto e até mesmo do discurso indireto livre. Vale ressaltar que o narrador só nomeia sua fonte de informações, seja em nota, seja no corpo do texto, quando ele é um oficial do exército ou uma personalidade política importante. O emprego do discurso dos sertanejos é sempre cercado de desconfiança e descrédito.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. *Escrituras de la Memoria.*

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Vimos analisando até aqui alguns dos aspectos centrais da configuração da veracidade no discurso narrativo de *Os Sertões*. Passemos agora a uma análise mais profunda acerca da narração do conflito armado na obra de Euclides, buscando sempre evidenciar as contradições presentes na organização da narrativa.

O conflito armado em Canudos, do ponto de vista da questão nacional, conforma-se às questões anteriormente analisadas. A consolidação da República em todo o território brasileiro passou por um complexo movimento de afirmação da hegemonia do Estado. Para tanto, dentre outros elementos, várias foram as revoltas anti-republicanas enfrentadas pelo governo. O arraial de Canudos, não sendo um movimento essencialmente anti-republicano, não deixava de apresentar também esse traço, e com vigor.

A grande motivação da reunião do enorme contingente populacional em Canudos foi conscientemente religiosa. Contudo, no cerne dessa motivação, encontram-se o insustentável insulamento dessas pessoas pelos sertões, longe de qualquer contribuição positiva do Estado; a falta de perspectivas de uma vida melhor nas cidadelas e fazendas por elas anteriormente habitadas; a promessa de uma vida melhor no paraíso celestial, por meio da salvação da alma; e, ainda na Terra, de fato melhores condições de vida no interior do arraial.

A análise do conflito armado por parte de Euclides, no que diz respeito à questão nacional, apresenta um traço dominante, que não foge às contradições discutidas acima: trata-se da oposição entre sertão e litoral, civilização e barbárie, que estaria no cerne das motivações do conflito.

Em uma primeira visão, o sertão é entendido como um espaço isolado do restante do país, alijado do processo de constituição da nação brasileira, pobre e atrasado. O litoral representa o progresso, material e cultural, resultante dos benefícios da civilização; representa, de modo geral, o Estado brasileiro.

A narração da luta, portanto, representa muito mais que um simples combate armado entre militares e sertanejos. Uma leitura dialética possibilita ao crítico estabelecer as conexões existentes entre os diversos elementos relacionados à luta, muitas delas por vezes ocultadas ou omitidas por Euclides, tais como a influência dos latifundiários, da igreja, dos militares e do governo.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Nesse sentido, passo a analisar a luta a partir de alguns pontos de vista, intrinsecamente relacionados: a luta como meio de garantir o poder do Estado; como meio de acalmar o medo dos fazendeiros e da igreja; como exemplo para a população, a fim de evitar outras insurreições; e como forma de impor a civilização.

Canudos foi, na perspectiva dos camponeses, uma luta em defesa de sua organização social religiosa alternativa ao regime social movido pelo latifúndio. Na perspectiva da classe dominante, a guerra foi um meio de, em um momento crítico da afirmação do Estado-nação brasileiro, garantir sua hegemonia.

Sendo assim, Euclides irá representar o exército brasileiro como metonímia do Estado. Observe-se o seguinte trecho, em que o narrador analisa um momento de dificuldade das tropas republicanas:

Pensavam: nos quatro lados daquele quadrado mal feito inscreviam-se os destinos de República. Era preciso vencer. Repugnava-os, revoltava-os, humilhava-os angustiosamente aquela situação ridícula e grave, ali, no meio de canhões modernos, sopesando armas primorosas, sentados sobre cunhetes repletos de cartuchos — e encurralados por uma turba de matutos turbulentos... (CUNHA, 2006, p. 335)

De acordo com o narrador, o exército assume conscientemente o encargo de garantir o futuro. Fica bastante clara também nesse trecho a disparidade entre o poderio bélico dos soldados e o dos sertanejos. Tal disparidade é um dos aspectos mais analisados por Euclides durante “A Luta”, principalmente por se tratar, para ele, da mais perfeita manifestação do atraso dos sertanejos em relação às populações litorâneas. Todavia, interessa a Euclides o fato de, apesar da disparidade tecnológica, os sertanejos conseguirem opor tanta resistência às investidas dos militares, obrigando o governo a enviar quatro expedições no total, para só na última atingir seu intento.

Essa resistência, observa o narrador, é fruto do fato de o sertanejo constituir uma “sub-raça forte” (apesar de mestiça), mas principalmente por, em virtude de encontrar-se num tempo histórico atrasado, estar mais próxima da vida natural. A proximidade com a natureza garante-lhe a associação com a vegetação e com o clima agreste, numa simbiose tal que chegam a parecer ao inimigo um corpo só. É importante destacar a



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

contradição presente nessa análise do narrador acerca da relação do sertanejo com a natureza. Lembre-se que, na primeira parte do livro, a natureza é apresentada como inimiga do homem do sertão, que sofre com a seca, com o clima, com a falta de alimentos, etc. Neste ponto da narrativa, essa relação sofre uma inversão, e o sertanejo passa a ter na natureza uma aliada.

Ao passo que as caatingas são um aliado incorruptível do sertanejo em revolta. Entram também de certo modo na luta. Armam-se para o combate; agridem. Trançam-se, impenetráveis, ante o forasteiro, mas abrem-se em trilhas multívias, para o matuto que ali nasceu e cresceu.

E o jagunço faz-se o guerrilheiro-tugue, intangível...

As caatingas não o escondem apenas, amparam-no.

[...]

A situação rapidamente engravesce, exigindo resoluções enérgicas. Destacam-se outras unidades combatentes, escalonando-se por toda a extensão do caminho, prontas à primeira voz; — e o comandante resolve carregar contra o desconhecido. Carrega-se contra os duendes. A força, de baionetas caladas, rompe, impetuosa, o matagal numa expansão irradiante de cargas. Avança com rapidez. Os adversários parecem recuar apenas. Nesse momento surge o antagonismo formidável da caatinga.

As seções precipitam-se para os pontos onde estalam os estampidos e estacam ante uma barreira flexível, mas impenetrável, de juremas. Enredam-se no cipoal que as agrilhoa, que Ihes arrebatada das mãos as armas, e não vingam transpô-lo. Contornam-no. Volvem aos lados. Vê-se um como rastilho de queimada: uma linha de baionetas enfiando pelos gravetos secos. Lampeja por momentos entre os raios do sol joeirados pelas árvores sem folhas; e parte-se, faiscando, adiante, dispersa, batendo contra espessos renques de xiquexiques, unidos como quadrados cheios, de falanges, intransponíveis, fervilhando espinhos... (CUNHA, 2006, p. 240-241)

Serão justamente esses traços de maior proximidade com a natureza e o insulamento geográfico que levarão Euclides a conceber o sertanejo como o tipo ideal para vir povoar a nascente nação brasileira. Sendo um escritor eminentemente



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

empenhado, o autor, que antes da ida ao palco da luta demonstrara-se favorável ao combate, porque se tratava de defender os interesses da República, em sua narração atribui um novo significado ao conflito, que passa a ser visto como um crime da nacionalidade contra a nacionalidade.

Por um lado, encontrava-se a “nacionalidade já constituída”, isto é, o Brasil oficial, independente desde 1822, organizado politicamente em torno do Estado monárquico, recentemente transformado em República, cujas principais ações giraram em torno dos estados litorâneos, principalmente do Sudeste. De outro lado encontrava-se a nacionalidade real não concretizada², uma possibilidade histórica de congregar elementos até então separados, mas que foi preterida em nome de um projeto de nação excludente e opressor.

Minha análise demonstrou até aqui, em linhas gerais, de que modo Euclides compreende a luta. É preciso, porém, fazer uma análise mais detalhada de alguns aspectos específicos da narrativa euclidiana capazes de iluminar a questão como um todo, dando a ver suas contradições.

Como em praticamente todo o restante da obra, a narração do conflito armado é presidida formalmente por antinomias. Nesse caso em específico, elas decorrem da cisão ideológica operada no autor no que respeita à real significação do arraial e aos verdadeiros intuits da República ao enviar as tropas para o sertão da Bahia.

Em “A Luta”, funcionando como uma espécie de palimpsesto à narração do conflito armado, encontra-se a análise da questão nacional, orientada basicamente pelas antinomias “sertão x litoral” e “civilização x atraso”. Assim, selecionamos algumas passagens, a fim de aprofundar essa discussão.

Primeiramente, o autor expõe a polaridade entre litoral e sertão como uma das razões que levaram à guerra, explicação que será constantemente retomada. Em seguida, alguns elementos que ilustram essa polaridade e que também são apresentados como vinculados à contradição entre atraso e civilização surgem como elementos centrais à compreensão da luta: a disparidade de armamentos e o significado político da

² O tema da formação interrompida da nação encontra-se muito bem desenvolvido por Caio Prado Jr., em *Formação do Brasil Contemporâneo*, e por Florestan Fernandes, em *A revolução burguesa no Brasil*. A relação entre formação da literatura e não formação da nação, por nós analisada no capítulo 1, encontra seu marco na *Formação da Literatura Brasileira*, de Antonio Candido. Veja-se a esse respeito também o ensaio “Os sete fôlegos de um livro”, de Roberto Schwarz.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

intervenção armada em Canudos para a manutenção da hegemonia do Estado nacional em construção.

A disparidade de armamento é frequentemente evocada com o intuito de exemplificar o atraso dos sertanejos e a superioridade do exército, que, em termos culturais e tecnológicos, estaria bastante adiantado. Nesse sentido, no entanto, a obra, ainda que à revelia do autor, coloca-se a todo o momento as seguintes questões: o que é civilização? O que é atraso? Em que medida o progresso não contém em si muito de barbárie, sendo um a contra-face do outro?

Observemos o seguinte trecho da obra, a fim de equacionarmos os problemas acima relacionados:

Sob a sugestão de um aparato bélico, de parada, os habitantes preestabeleceram o triunfo; invadida pelo contágio desta crença espontânea, a tropa, por sua vez, compartiu-lhes as esperanças.

Firmara-se, de antemão, a derrota dos fanáticos.

Ora, nos sucessos guerreiros entra, como elemento paradoxal embora, a preocupação da derrota. Está nela o melhor estímulo dos que vencem. A história militar é toda feita de contrastes singulares. Além disto a guerra é uma coisa monstruosa e ilógica em tudo. Na sua maneira atual é uma organização técnica superior. Mas inquinam-na todos os estigmas do banditismo original. Sobranceiras ao rigorismo da estratégia, aos preceitos da tática, à segurança dos aparelhos sinistros, a toda a altitude de uma arte sombria, que põe dentro da frieza de uma fórmula matemática o arrebentamento de um *shrapnel* e subordina a parábolas invioláveis o curve violento das balas, permanecem — intactas — todas as brutalidades do homem primitivo. E estas são, ainda, a *vis a tergo* dos combatentes. (CUNHA, 2006, p. 256).

Esse trecho é exemplar em relação ao modo como o autor trabalha a contradição entre progresso e barbárie. Os soldados, conforme narra Euclides, estavam equipados com muito do que existia de mais moderno em termos bélicos à época, enquanto os sertanejos lutavam com armas artesanais, quase primitivas: clavinotes, machados, lanças, etc.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

A questão não se restringe, porém, à disparidade tecnológica. Sendo a arma um dos principais instrumentos desenvolvidos pela humanidade a fim de dominar a natureza, ela acabou transformando-se, por extensão, em um instrumento de dominação também do homem pelo homem. Ao notar que as brutalidades do homem primitivo permanecem intactas perante o avanço tecnológico bélico, o autor sugere que esse primitivismo seria mesmo a *anima* do progresso. Em outros termos, levando ao limite a sugestão de Euclides, o progresso se faz às custas da barbárie que ele mesmo pretende superar.

No que respeita à outra questão apontada por Euclides ao longo de “A Luta”, o significado da guerra para a consolidação da nação, é preciso inicialmente expor seus argumentos básicos.

O fato é que a fé na República enquanto o meio ideal para se alcançar a efetiva construção de uma nação livre, soberana e igualitária não resiste à constatação *in loco* das atrocidades cometidas por esse regime em nome do progresso. Apesar da tão famosa e louvada “traição de classe” do autor, sua narração não se efetiva esteticamente (e entenda-se aqui politicamente) como um enunciado ideologicamente vinculado apenas à causa dos vencidos; percebe-se nele, a todo momento, o influxo da voz do vencedor, que busca inscrever mais uma vitória na história de modo a apagar os rastros da luta de classe que a move. Uma leitura alegórica, no entanto, nos permite encontrar em *Os Sertões* a narração não simplesmente do massacre dos canudenses pelos republicanos, mas recuperar o sentido político historicamente apagado pela historiografia oficial do movimento de Canudos, que significou, em poucas palavras, a possibilidade de constituição de uma organização social coletiva contraposta ao regime da grande propriedade latifundiária.

Existe em *Os Sertões*, portanto, um dos problemas centrais da literatura e da historiografia brasileiras, que é a representação do outro de classe, e que se manifesta no texto em termos formais. A análise da composição narrativa empreendida no capítulo dois demonstrou que tanto o foco narrativo quanto o emprego da linguagem (principalmente por meio de caracterizadores e dêiticos) revelam, adaptando o termo de Antonio Candido, a dupla filiação de Euclides: intelectual, ideológica e politicamente está ligado ao Estado; emocionalmente está ligado aos sertanejos.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Não se trata aqui de, a exemplo do que muito já se fez, simplesmente desculpar ou condenar Euclides da Cunha por ter se colocado ao lado do exército e do poder constituído e contra os sertanejos em vários momentos da narração, como quando chama os militares de heróis (CUNHA, 2006, p. 279). Interessa-nos, sobretudo, justamente forçar a contradição e investigar o sentido da própria antinomia, que por si só já é um sintoma do desajuste enfrentado pelo país.

Conforme explicita em nota à segunda edição de *Os Sertões*, essa obra seria não um livro de defesa, mas um livro de ataque (idem, ibidem, p. 596). Ataque às brutalidades, “selvatiquezas”, cometidas pelo exército no sertão da Bahia em nome da civilização e da preservação da República.

A tropa, a marche-marche, prosseguia, agora, sob a atração irreprimível da luta, nessa ebbriez mental perigosíssima, que estonteia o soldado duplamente fortalecido pela certeza da própria força e a licença absoluta para as brutalidades máximas. (idem, ibidem, p. 316)

“Canudos dissolvido a bala, e a fogo e a espada” (CUNHA, 2006, p. 303), esta era a palavra de ordem do coronel Moreira César, o “Corta-cabeças”, comandante da segunda expedição a Canudos, escolhido em função de seus sucessos em batalhas anteriores travadas no Sul, graças aos quais se transformara no novo ídolo nacional (idem, ibidem, 286). Narrando os acontecimentos da segunda expedição, Euclides traz à tona esses dois aspectos do conflito: a brutalidade do exército e os influxos da opinião nacional, mas não os relaciona, tarefa que deixa a cargo do leitor. Contudo, apenas narrando a quarta expedição são expostos com profundidade os argumentos acerca da importância da consciência nacional para o desenrolar da guerra. Sigamos, portanto, a trilha aberta por ele, investigando em que termos se deu essa relação³.

Comentando a disputa entre o governo estadual da Bahia e o governo federal acerca da organização da segunda expedição, montada após o primeiro combate, travado em Masseté, diz Euclides:

³ Optamos por não seguir necessariamente a ordem cronológica da narração de Euclides, buscando estabelecer as relações dialéticas entre aspectos da questão nacional muitas vezes por ele escamoteadas em função de suas escolhas narrativas positivistas.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Contravinha o chefe militar entendendo ter a repressão legal vingado o círculo das diligências policiais, cumprindo-lhe não mais prender criminosos, "mas extirpar o móvel de decomposição moral que se observava no arraial de Canudos em manifesto desprestígio à autoridade e às instituições", acrescentando que a força federal deveria seguir bastante forte para se subtrair à contingência de "retiradas prejudiciais e indecorosas". O governo estadual, porém, agindo dentro do elástico art. 6.º da Constituição de 24 de fevereiro, cerrou a controvérsia levantando o espantinho de uma ameaça à soberania do Estado, e repelindo a intervenção que lhe implicava incompetência para manter a ordem nos seus próprios domínios. Deslembrou-se que em documento público se confessara desarmado para suplantar a revolta e que, apelando para os recursos da União, justificava, naturalmente, a intervenção que procurava encobrir.

Vinha serôdio o falar em soberania apisoada pelos turbulentos impunes. Ademais ninguém se iludia ante a situação sertaneja. Acima do desequilibrado que a dirigia estava toda uma sociedade de retardatários. O ambiente moral dos sertões favorecia o contágio e o alastramento da neurose. A desordem, local ainda, podia ser núcleo de uma conflagração em todo o interior do Norte. De sorte que a intervenção federal exprimia o significado superior dos próprios princípios federativos: era a colaboração dos Estados numa questão que interessava não já à Bahia, mas ao país inteiro.

Foi o que sucedeu. A nação inteira interveio. Mas sobre as bandeiras vindas de todos os pontos, do extremo norte e do extremo sul, do Rio Grande ao Amazonas, pairou sempre, intangível, miraculosamente erguida pelos exegetas constitucionais, a soberania do Estado... (CUNHA, 2006, p. 246-247).

Esse fragmento é imensamente elucidativo, pois concentra em si as principais nuances do modo como a questão nacional se colocou durante a luta.

O primeiro aspecto é o da justificativa forjada pelo Estado (tanto em sua dimensão local quanto nacional) para a intervenção armada em Canudos. A argumentação concentrou-se na ideia de que o arraial significava uma ameaça à soberania do Estado, colocando em xeque a consolidação da República. Além disso, fica claro que o intuito da intervenção do estado não foi resolver o problema da população sertaneja, faminta e miserável, mas sim acabar com o conflito a qualquer custo (no caso, o custo eram vidas).



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Todas as evidências, no entanto, indicam o equívoco dessa justificativa. Já o próprio Euclides, após o breve período em que esteve em Canudos, chega à conclusão de que aquele movimento não era essencialmente um movimento monarquista, anti-republicano, embora deva ser feita a ressalva de que existia sim um traço anti-republicano, decorrente principalmente da concepção de Antonio Conselheiro de que a República representava o Anticristo, principalmente por oficialmente desligar a igreja do Estado e instituir o casamento civil.

O segundo aspecto que cabe ressaltar é o caráter exemplar da intervenção militar: ela seria necessária a fim de evitar que a mobilização dos conselheiristas servisse de inspiração para outras mobilizações populares. Assim, o massacre da população de Canudos passava a ser um exemplo para as populações dos demais estados.

Por fim, fundamentalmente interessa analisar a declaração de Euclides de que “a nação inteira interveio” em Canudos. De que nação se tratava? Aqui claramente o conceito de nação é empregado como sinônimo de Estado, o que, evidentemente, corresponde a uma parcela bastante restrita da população. Tratava-se, basicamente, dos governos estaduais organizados em torno de um objetivo comum, que era desbaratar Canudos. Para tanto, não apenas foi necessário o envio de tropas vindas de todos os cantos do país, como também convencer a população do perigo representado pelo grupo de Conselheiro (uma ameaça à soberania nacional) e da necessidade da guerra.

Fica assim evidente que a Guerra de Canudos teve uma significação geral que extrapola as “Causas próximas da luta” elencadas por Euclides. Tendo demonstrado ao longo do capítulo o modo como elementos de instâncias variadas mas conexas, tais como a questão agrária e a formação étnica do país, convergiram tanto para a formação do arraial de Canudos como para o posterior conflito armado entre os sertanejos e as tropas do governo.

Como saldo do conflito, Euclides conclui que a luta fora um crime *da* nacionalidade *contra* uma nacionalidade ainda em formação e que um dia poderia vir a constituir-se plenamente. O autor explicita, portanto, os níveis contraditórios que a questão nacional assumia naquele momento: em nome da nação justificava-se o extermínio de “patrícios”, que ficavam à margem do processo.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. *Escrituras de la Memoria.*

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

A obra de Euclides, como eu pretendo ter demonstrado, encerra em si as tensões e os conflitos que marcam a história do Brasil. Em sendo a antinomia o seu traço fundamental, a narrativa euclidiana não se deixa apreender apenas por um lado – seja ele o da defesa dos sertanejos, seja ele o da hostilidade aos sertanejos. Dessa forma, apenas uma leitura dialeticamente íntegra e que, conforme aponta Benjamin, busque ver as possibilidades históricas derrotadas poderá dar conta de equacionar as contradições do livro.

O grande ganho, portanto, da interpretação de *Os Sertões* à luz da filosofia da história de Walter Benjamin é a possibilidade de compreender a radicalidade da obra, principalmente no que diz respeito à sua articulação com a história. Adaptando a proposição de Benjamin, poderíamos dizer que a obra de Euclides lega uma série de reflexões que iluminam o massacre dos sertanejos pelos militares na guerra de Canudos, permitindo aos leitores contemporâneos, por meio da rememoração, a compreensão desse processo e transmitindo-lhe a tarefa de dar continuidade à sua luta pela superação do sistema em que vivemos, regido pela violência da exploração entre os homens.

É nesse sentido que os movimentos sociais, como o MST, por exemplo, diretamente envolvido na luta pela terra, ou os líderes comunitários das favelas (muitas delas formadas por soldados que retornaram de Canudos), podem encontrar na narração/rememoração da luta dos sertanejos feita por Euclides – com todas suas contradições - inspiração para sua própria luta, atribuindo, assim, novos sentidos políticos e históricos à Guerra de Canudos e a *Os Sertões*.

Referências Bibliográficas

Benjamin, Walter, *Magia e técnica, arte e política*, Tradução de Sérgio Paulo Rouanet, Brasiliense, São Paulo, 1994.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. *Escrituras de la Memoria.*

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Candido, Antonio, “Perversão da Aufklärung”. Em: Dantas, Vinicius, Antonio Candido: textos de intervenção, Editora 34; Duas Cidades, São Paulo, 2001.

Candido, Antonio, Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos 1750 – 1880, Ouro sobre azul, Rio de Janeiro, 2006.

Lima, Luiz Costa, História. Ficção. Literatura, Companhia das Letras, São Paulo, 2006.

Cunha, Euclides da, Os sertões, Record, Rio de Janeiro, 2006.

De Decca, Edgar Salvadori, “Euclides e Os Sertões: entre a literatura e a história”. Em: Fernandes, Rinaldo de (Org.), O clarim e a oração, Geração Editorial, São Paulo, 2002.

Moura, Clóvis, Introdução ao pensamento de Euclides da Cunha, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1964.

Löwy, Michael, Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses ‘Sobre o conceito de história’, Tradução de Wanda Nogueira Brant, Boitempo, São Paulo, 2005.

Sevcenko, Nicolau, Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República, Companhia das Letras, São Paulo, 2003.